

OS MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS DA CRIANÇA NA LINGUAGEM

Carmem Luci da Costa SILVA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este estudo trata a aquisição da linguagem a partir da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. São destacados princípios transversais à reflexão benvenistiana sobre linguagem e sobre enunciação para mostrar os movimentos enunciativos de uma criança, acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses, em seu ato de aquisição da linguagem.

ABSTRACT

This study deals with language acquisition from Émile Benveniste's enunciative perspective. It highlights principles transversal to Benvenistian reflection on language and enunciation in order to show the enunciative movements of a child, who was longitudinally followed up from eleven months old to three years and four months old, along his act of language acquisition.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da linguagem. Enunciação. Intersubjetividade. Referência.

KEY-WORDS

Language acquisition. Enunciation. Intersubjectivity. Reference.

Introdução

Este trabalho trata da relação entre o campo de Linguística da Enunciação e o de Aquisição da Linguagem. Nas teorias que integram a *Linguística da Enunciação* não é comum, posso até dizer que é raro, encontrar o interesse pela aquisição da linguagem. Da mesma forma, nos estudos de aquisição da linguagem, também não é comum encontrar-se o interesse pelo campo da Enunciação. Essa relação, que parece estar se marcando na linguística brasileira, ganha um certificado importante ao reunir trabalhos no *VII Congresso Internacional da Abralin* em uma mesa intitulada “A fala da criança e a enunciação”, mesa que integrou a reflexão apresentada neste texto. Roman Jakobson, o homem orquestra como o nomeia Dosse (1991/1993), aponta que “...a linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” (Jakobson, 1956/2003: 34). É a linguagem em ato e em estado nascente que este estudo busca contemplar.

Com a concepção de que os saberes são complementares, constituo a base do diálogo que estrutura a relação entre o campo da *Enunciação* e o de *Aquisição da Linguagem*. Falo aqui em complementaridade com a ideia de que *Linguística da Enunciação* possibilita a produção de um saber para o campo *Aquisição da Linguagem* do mesmo modo que a fala da criança interroga o campo da *Linguística da Enunciação*. Esse diálogo permite a constituição de um saber para os dois campos.

Falar em aquisição da linguagem implica: 1º) considerar a diversidade de perspectivas de abordagem desse fenômeno, sejam do campo da Linguística sejam externas a esse campo, e 2º) assumir uma posição para explicar como a criança faz a passagem de um estado X de língua para outro Y.

A reflexão a ser apresentada inicia com uma passagem retirada do texto “A forma e o sentido na linguagem”, capítulo 15 da obra *Problemas de Linguística Geral II* de Émile Benveniste:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo...(Benveniste, 1966/1989:222)

Essa citação parece condensar os princípios da reflexão enunciativa benvenistiana sobre a linguagem: o princípio da significação (a linguagem significa); o princípio da intersubjetividade (relação homem/homem por meio da língua em emprego) e o princípio da referência (relação homem/mundo também instanciada pela língua em emprego).

Com a citação e os princípios elencados, já atesto a filiação teórica enunciativa deste estudo: a perspectiva de Émile Benveniste. Os textos de Benveniste, atribuídos a *posteriori* por leitores de sua obra à chamada *Teoria da Enunciação*, não formam um conjunto homogêneo, porque cada um apresenta uma reflexão singular no conjunto da obra (cf. Flores, 2010). Por isso, para a reflexão que proponho, adoto os seguintes textos: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *Os níveis da análise linguística* (1962), *A linguagem e a experiência humana* (1965), *A forma e o sentido na linguagem* (1966), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968a), *Estruturalismo e linguística* (1968b) e *Aparelho formal da enunciação* (1970). Embora cada texto carregue uma proposta teórico-metodológica singular, destaco pontos que considero transversais ao conjunto, quais sejam: reflexão sobre a natureza articulada da linguagem, discussão sobre a significação, tratamento da (inter)subjetividade, consideração da relação forma/sentido e preocupação com o emprego da língua e com as noções aí implicadas, como as de enunciação, de frase e de discurso.

São esses princípios transversais à reflexão benvenistiana que busco para explicar a fala da criança “em estado nascente e em ato”, conforme palavras de Jakobson.

1. A perspectiva enunciativa de Émile Benveniste e a aquisição da linguagem

Ao me deparar com a *Teoria da Enunciação* de Émile Benveniste, passei a me indagar sobre a aquisição da linguagem: “o que uma perspectiva de enunciação tem a dizer sobre esse fenômeno tão instigante e curioso, que entusiasma leigos no assunto, pais e estudiosos de diferentes campos do conhecimento (Linguística, Psicologia, Psicanálise, Fonoaudiologia etc.), que é o da passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna?” Para responder a essa pergunta, preciso deslocar os princípios e as questões benvenistianos antes enunciados para teorizar a aquisição da linguagem.

A *enunciação*, considerada como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 1970/1989: 82), fundamenta-se na noção de ato que coloca em cena locutor, alocutário e referência. Enquanto realização, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação* do locutor. Nessa apropriação implanta o outro diante de si e expressa certa relação com o mundo, pois “a condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir...” (Benveniste, 1970/1989:84). Essa relação intersubjetiva produtora de referência emerge em cada manifestação da enunciação, que é o discurso enunciado.

Nesse sentido, estudar a aquisição no interior dessa perspectiva requer tomá-la como um ato singular de instauração da criança na linguagem, lugar que comporta as estruturas da língua (suas regularidades) e as estruturas enunciativas (a singularidade própria de cada locutor quando se apropria da língua para enunciar). Isso implica não considerar

somente o discurso da criança, mas a estrutura enunciativa na qual esse discurso está imerso. Essa estrutura comporta a criança-locutor, o outro-locutário e a língua atualizada no discurso como instância produtora de referência na relação intersubjetiva do ato enunciativo. Se no ato de enunciação há locutores e referência, pensar a aquisição por um ponto de vista enunciativo necessita da consideração desses elementos como nela implicados. Essa constatação me faz conceber o fenômeno de aquisição como um ato de enunciação e a enunciação como uma estrutura de aquisição da linguagem que comporta locutores (a criança e o outro) e a língua, inscritos na cultura.

Inserida nessa concepção, no item seguinte, mostro os movimentos enunciativos de uma criança em seu ato de aquisição da linguagem.

2. Os movimentos enunciativos da criança

Diante das considerações, as questões que formulo são as seguintes: A criança apropria-se da língua ou é apropriada pela língua na estrutura enunciativa? Que movimentos enunciativos emergem no ato de aquisição da linguagem? Para buscar responder a essas questões, mostro os deslocamentos enunciativos ligados às operações de intersubjetividade e de referência no processo de aquisição da linguagem. Transversal a essas operações está o princípio de significação constitutivo da linguagem, já que o(s) sentido(s) constituído(s) pelo agenciamento de formas sintagmatizadas na relação enunciativa enlaça(m) os locutores por meio da referência produzida no fio do discurso, possibilitando à criança constituir sua língua materna ao mesmo tempo em que por ela é constituída.

As análises dos movimentos enunciativos da criança na linguagem são realizadas a partir da verificação dos diálogos de Francisca (FRA) com sua avó, transcritos em dois recortes enunciativos¹.

¹ Na transcrição, foi adotada a seguinte convenção: um cabeçalho contendo os participantes da situação de enunciação, indicados pelas três letras iniciais do nome. Ainda entre parênteses é explicitado o grau de parentesco com a criança. Os turnos de diálogo são indicados pelas

Recorte enunciativo 1

| | |
|--------------------------|--|
| <i>Participantes:</i> | CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando) |
| <i>Idade da criança:</i> | 1;5.15 |
| <i>Situação:</i> | FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente está na garagem da casa com um álbum, com bonecas e com o gato. Após lancha. Depois, vai para dentro de casa e volta para a garagem. |
| 1 Com: | FRA sai correndo atrás do gato. |
| 2 CAR: | [=risos] |
| 3 Com: | FRA aproxima-se do gato, empurrando-o |
| 4 | com um álbum. O gato afasta-se. |
| 5 FRA: | BAH [= olha para CAR surpresa com o |
| 6 | afastamento do gato] |
| 7 Com: | FRA vai até onde o gato está, abaixa-se, |
| 8 | empurrando-o novamente com o álbum. |
| 9 FRA: | XXX [= olhando para trás onde CAR |
| 10 | está] XXX [= olhando para o gato e |
| 11 | falando sons não apreensíveis na |
| 12 | transcrição] |
| 13 AVÓ: | o gatu @ parece que ela quis dizer gatu |
| 14 FRA: | XXX [= olhando para o gato, pronuncia |
| 15 | sons não apreensíveis na transcrição] |
| 16 Com: | FRA sai da garagem e volta correndo, |
| 17 | olhando para ver como ultrapassar as |
| 18 | grades no chão. |
| 19 CAR: | [= risos] |
| 20 FRA: | XXX [sons não apreensíveis na |

três primeiras letras do nome de cada participante. FRA indica as iniciais da criança estudada (Francisca). Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão “com”. Entre colchetes [] são indicadas ações paralelas à fala e eventos não-linguísticos, como risos. A interrogação indica dúvida do transcritor, a marca @ indica pausa breve e a indicação XXX refere-se a segmentos não compreendidos pelo transcritor.

continuação Recorte enunciativo 1

| | |
|---------|---|
| 21 | transcrição] |
| 22 AVÓ | alçou a perninha lá e quis vim pru lado |
| 23 | de cá agora @ agora atinô o que era |
| 24 Com: | silêncio. FRA e AVÓ estão na cozinha. |
| 25 | A AVÓ abre um armário e pega uma lata |
| 26 | com bolacha. FRA abre e fecha a porta |
| 27 | do armário duas vezes. |
| 28 AVÓ: | deu deu ah fechô! Comi [= entregando |
| 29 | uma bolacha a FRA], vamu guardá issu |
| 30 | vamu guardá de novu [= com a lata na |
| 31 | mão] |
| 32 Com: | FRA abre a porta do armário. |
| 33 AVÓ: | gardei! [= colocando o pacote de |
| 34 | bolacha na lata e fechando-a] |
| 35 Com: | FRA abre a porta do armário, batendo-a |
| 36 | em sua perna. |
| 37 AVÓ: | opa! Tá fecha @ fecha o armário. |
| 38 | fechô |
| 39 | oô |
| 40 | (...) |
| 41 Com: | após um período de silêncio, FRA, com |
| 42 | uma colher na mão e no colo de CLA, |
| 43 | lancha com a AVÓ. FRA alcança a |
| 44 | colher para AVÓ, que após volta a |
| 45 | alcançar a colher para FRA. |
| 46 AVÓ: | dá a colher pra vó dá |
| 47 FRA: | ah não [= afastando a colher da avó com |
| 48 | a mão] |
| 49 AVÓ: | viu o bico que ela fez pra mim? |

Recorte enunciativo 2

| | |
|--------------------------|--|
| <i>Participantes:</i> | CAR (tia, filmando) e AVÓ |
| <i>Idade da criança:</i> | 2;00.28 |
| <i>Situação:</i> | FRA brinca de cozinhar em sua casa, interagindo com a avó. |
| 1 FRA: | qué mais? @ qué mais? [= faz de conta |
| 2 | que coloca mais alimento na panela] |
| 3 AVÓ: | tem qui comê mais? |
| 4 FRA: | tem |
| 5 AVÓ: | tem? Ai meu Deus! Tô cheia já @ bom [= |
| 6 | faz de conta que come] |
| 7 FRA: | qué mais? |
| 8 AVÓ: | qué |
| 9 Com: | a avó pega uma colher e faz de conta que |
| 10 | come |
| 11 FRA: | qué moçá @ qué? |
| 12 AVÓ: | ãh? |
| 13 CAR: | qué almoçá mãe? |
| 14 AVÓ: | qué almoçá? Queru |
| 15 FRA: | qué afé? |
| 16 AVÓ: | queru café? Queru almoçá também |

Refletir sobre o ato de aquisição da linguagem implica considerar que a criança está desde sempre em um mundo de linguagem, mundo este já falado e falante antes mesmo de sua chegada, o que é corroborado pelas palavras de Benveniste, quando afirma que não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a; jamais o vemos reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem.” (Benveniste, 1958/1995:285).

Nessa concepção enunciativa, há uma preocupação com a constituição da subjetividade, através da intersubjetividade, já que “...a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem (...) a linguagem exige e pressupõe o outro” (Benveniste, 1968a/1989: 93).

Duas relações estão implicadas na intersubjetividade enunciativa do ato de aquisição, que nomeio como *conjunção eu-tu* e *disjunção eu/tu*. A primeira está marcada pela *reversibilidade/pessoalidade* da relação interlocutória (cf. Benveniste, 1946, 1956, 1958, 1965, 1968a/1989; 1995), em que *eu* e *tu* formam, na temporalidade do discurso, uma *unidade constitutiva*, pois são pessoas do discurso que podem se inverter na enunciação. A segunda é caracterizada pelo caráter de *transcendência/subjetividade* do *eu*, que apresenta dominância na relação de alocação ao se instituir como o responsável pela constituição do *tu* no diálogo (cf. Benveniste, 1956, 1958/1989). Nos recortes destacados, a intersubjetividade enunciativa tem papel fundamental, uma vez que a criança constitui, pela temporalidade, uma realidade mútua com o outro, instanciando-se como *pessoa de discurso*, por ser significada como tal pelo outro da sua alocação.

De fato, a conjunção criança-outro, marcada pela diáde *eu-tu*, encaminha a criança a preencher um lugar na estrutura enunciativa, lugar em que o seu alocutário, ao se declarar como locutor, a constitui como um *locutor que enuncia*. No interior da operação de intersubjetividade, além da conjunção *eu-tu* (dependência da criança ao discurso do outro) simultaneamente aparece o movimento de disjunção, visto que, se a relação *eu-tu* é caracterizada pelo traço de pessoa comum a *eu* e a *tu*, a relação *eu/tu* é marcada pelo traço pessoa subjetiva de *eu* em oposição à pessoa não-subjetiva de *tu*.

O movimento de disjunção, também fundamental no ato de aquisição, aponta para a separação criança-outro, visto que, por meio desse movimento realizado com o alocutário (*eu/tu*), a criança tem a possibilidade de realizar o seu ato de inscrição subjetiva na *linguagem*, ao

se responsabilizar pela constituição de si e do outro na enunciação, caso contrário permanecerá alienada ao discurso do outro.

Esses dois movimentos estão presentes nos recortes enunciativos. No primeiro, o locutor-criança em conjunção com o outro parece retomar o discurso desse outro, dissociando unidades para enunciar “oô” (linha 39), agenciamento sintagmático realizado após a forma “fechô” (linhas 28 e 38) do locutor-avó. Já em um segundo momento, a criança separara-se do discurso do outro, declarando-se como um locutor em disjunção ao responder “ah não” (linha 47) diante da ordem do locutor-avó: “dá a colher pra vó dá” (linha 46). Esse movimento de disjunção aparece principalmente no recorte 2, quando o locutor-criança interroga o outro e o constitui em sua enunciação: “qué mais? qué mais?” (linha 1), “qué mais?” (linha 7) “qué moçá @ qué?” (linha 11), “qué afé?” (linha 15). Nesse recorte, o outro, que está em conjunção e em disjunção com o locutor-criança, retoma as questões e as responde.

De convocada pelo outro, Francisca passa a convocar o outro. Esse é o grande movimento enunciativo que emerge na operação de intersubjetividade do ato de aquisição da linguagem. Essa primeira operação parece constituir-se em condição das demais. A sua lógica comporta a ocupação de um lugar na estrutura enunciativa, espaço em que a criança é constituída ao mesmo tempo em que se constitui como *pessoa* no discurso. A criança precisa ocupar um lugar na estrutura da enunciação para que venha a enunciar. Esse lugar é, primeiramente, atribuído pelo outro. Se nenhuma palavra lhe é dirigida, se seus atos verbais e não-verbais não são discursivizados e nem significados pelo outro é-lhe dificultado acesso a um lugar na estrutura da enunciação e, por consequência, sua condição trinitária: de locutor que enuncia, de pessoa e de sujeito de discurso.

Uma teoria enunciativa da aquisição da linguagem coloca como primeiro ponto a observar o complexo mecanismo de conjunção/disjunção entre *eu* e *tu*, em que as figuras enunciativas inversíveis da alocação têm como característica maior estruturarem-se a partir das

operações de antecipação de um lugar para a criança na estrutura da enunciação. Tal antecipação contém respostas possíveis a ela. Em termos benvenistianos, trata-se da apropriação *da instância enunciativa de pessoa no discurso*, um dos elementos-chave de definição de um espaço de simbolização, lugar onde a criança pode ver-se como semelhante a outra pessoa de discurso ao mesmo tempo em que busca separações autorizadas pelo outro, caracterizando o movimento de disjunção. Essa disjunção é o que lhe garantirá a possibilidade de, enquanto pessoa, subjetivar-se no discurso.

Inseparável da operação de intersubjetividade, está a de referência, porque a enunciação, ao supor a conversão da língua em discurso (Benveniste, 1970/1989:83), aponta para o mecanismo da produção, que é o da verificação de como o sentido se forma em palavras. É esse processo de semantização da língua que coloco em relevo para pensar os movimentos de constituição de referência no discurso da criança. Do ponto de vista enunciativo, os recortes apresentam movimentos de referência da criança no discurso ligados a duas lógicas enunciativas que coloco em destaque.

Na primeira lógica, a criança realiza X (ato verbal ou não verbal) a que o outro da alocação atribui referência. Esse movimento emerge no primeiro recorte, quando a avó, ao se constituir como locutor e se apropriar da língua, remete-se à situação de enunciação e ao ato não-verbal de FRA, que fecha a porta do armário (linhas 26 e 27) para enunciar: “deu deu ah fechô” (linha 28) e “fechô” (linha 38). A referência constituída no discurso da AVÓ possibilita à criança, enquanto alocutário, escutar o segmento final e, no jogo de reversibilidade enunciativa, sintagmatizar “oô” (linha 39). Nesse caso, o efeito enunciativo do discurso da AVÓ, que se assume como locutor e implanta a criança como seu alocutário, permite, pela inversibilidade, à criança declarar-se como locutor para produzir “oô” (linha 39). Interessante observar no recorte enunciativo 1 o lugar de alocutário ocupado pela avó, lugar em que se coloca como um co-locutor do discurso da criança, refletindo-o e interpretando-o: “o

gatu @ parece que ela quis dizer gatu” (linha 13). Disso resulta que as ações da criança, verbais ou não, são discursivizadas pelo outro da sua alocação: “alçou a perninha lá e quis vim pru lado de cá agora @ agora atinô o que era” (linhas 22 e 23).

Na segunda lógica, destaco o fato de a referência ser atualizada no discurso por meio dos mecanismos de constituição e integração (cf. Benveniste, 1958/1995) e por ajustes de sentido e de forma nas enunciações de *eu* e de *tu*. Nessa lógica, recorrente no recorte enunciativo 2, a criança, em operação de disjunção, constitui-se como locutor para convocar o outro a se enunciar por meio da interrogação. Destacam-se, no recorte 2, os deslocamentos intersubjetivos: locutor-criança/alocutário-avó, co-locutor-avó/locutor-avó e locutor-avó/alocutário-criança. Esses deslocamentos intersubjetivos são caracterizados pelo diálogo enunciativo constituído por retomadas interrogativas do locutor-avó, que busca, por meio da dúvida, confirmar a pergunta do locutor-criança. Nesse caso, o discurso do locutor-avó, ao retomar e integrar a pergunta do locutor-criança, faz emergir uma espécie de co-locutor na estrutura enunciativa, pois esse discurso revela uma dupla apropriação, da língua e do discurso anterior da criança. É pela apropriação da língua que o locutor-avó também se apropria do discurso da criança para constituir os segmentos que lhe faltam, configurando-se como o locutor que autoriza a enunciação como pertencente à estrutura da língua, como atestam as passagens: FRA: qué moçá? @ qué? (linha 11)/AVÓ: ãh? (linha 12)/ AVÓ? qué almoçá? queru (linha 14)/ FRA: qué afé? (linha 15)/AVÓ: queru café? Queru almoçá também (linha 16). Nesse vai e vem de formas e de sentidos, a criança, pela língua-discurso, constrói uma semântica particular, produzindo estruturas no uso, que se convertem em formas da língua na relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*. O outro da alocação da criança, na enunciação, ao se valer da significação autorizada pela língua e do sentido possível para aquela situação particular, converte as formas enunciativas da criança em formas da língua.

Ainda destaco, nos recortes enunciativos, o movimento de retomadas do discurso do locutor anterior pelo locutor atual. No primeiro recorte, o locutor-criança parece atualizar o discurso do outro da sua alocação com uma asserção (“oô”), produzindo o efeito de certeza após a enunciação “fechô” do locutor-avó. Já no segundo recorte, o locutor-avó retoma o discurso do locutor-criança com a paráfrase da interrogação em um movimento que repete a indagação ao mesmo tempo em que ajusta a forma para se certificar do sentido.

Assim, salienta-se nessas lógicas o seguinte aspecto: a intersubjetividade como inseparável da atribuição de referência. De fato, a constituição da referência pela criança está na dependência do movimento de enunciação/co-enunciação, já que enunciar é sempre co-enunciar; referir é sempre co-referir. Nesse caso, a criança, ao se apropriar de formas para atualizar no discurso e produzir sentidos para o outro da alocação, é apropriada pelo discurso do outro na estrutura enunciativa, possibilitando sua instauração no funcionamento de sua língua materna de modo singular. Para *estar no* simbólico de sua língua materna, a criança precisa entrar cada vez mais na estrutura relacional da língua, à qual está desde sempre submetida. Isso porque suas *formas enunciativas* produzidas têm *sentido* a partir de seus empregos na frase, *sentido* esse ajustado na relação enunciativa constituída por *eu* e por *tu*, em que o alocutário, ao se assumir como locutor, ressignifica o *sentido* da *forma enunciativa* do locutor (criança) com uma *forma da língua*. As formas enunciativas do locutor-criança atestam um saber sobre a língua que está em mutabilidade, no entanto essa *mutabilidade* inclui a *ordem da língua* e a *singularidade da enunciação*, o que permite ao outro ajustar a relação forma-sentido. É por aí que o locutor-criança, produzindo os sentidos com o seu alocutário na enunciação, constitui as formas da língua na sintagmatização do discurso. Trata-se do efeito da enunciação do outro sobre a da criança e do efeito da enunciação da criança sobre a do outro. Esses efeitos enunciativos se produzem no ato único e irrepetível de cada enunciação e fazem com que o lugar de enunciação concedido à

criança pelo outro se constitua como a condição de ela se instaurar na língua.

Se “o ‘sentido’ da frase está na totalidade da ideia percebida por uma compreensão global, a ‘forma’ se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras” (Benveniste, 1966/1989:232). Por isso, considero fundamental, na operação de referência do ato de aquisição da linguagem, a presença das relações de *dissociação* e de *integração* (Benveniste, 1962/1995). De fato, para Benveniste (*op. cit.*), a *forma* de uma unidade consiste na capacidade de *dissociação* em constituintes de nível inferior, enquanto o *sentido* na capacidade de *integração*, em uma unidade de nível superior. É justamente a apreensão dessa dupla capacidade da língua que possibilita à criança engendrar as formas para produzir referências no discurso. Nesse caso, *forma* e *sentido* aparecem como propriedades conjuntas, necessárias, simultâneas e inseparáveis no funcionamento da língua.

As questões aqui tratadas permitem-me responder ao seguinte questionamento: “como uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem explica a passagem da criança de não-falante a falante de sua língua materna?”

A resposta à pergunta considerará três aspectos: a unidade de análise, o nível da análise e a questão desenvolvimental. Esses três aspectos estão entrelaçados na explicação que uma teoria enunciativa pode dar aos movimentos que ocorrem no ato de aquisição da linguagem, pois, como mostram os recortes enunciativos apresentados neste estudo, as mudanças na relação da criança com a língua processam-se, muitas vezes, no mesmo tempo e espaço de enunciação. Como explicar essas mudanças pela noção de estágio, já que a criança está no mesmo tempo cronológico? Que mudanças poderiam ser explicadas? No léxico, na fonologia, na morfologia, na sintaxe? A escolha de uma unidade do léxico talvez me encaminhasse a explicar como a criança adquire uma forma nova. Já a escolha de uma unidade do nível fonológico talvez me levasse a explicar por que a criança omite segmentos, troca segmentos,

sustentando essas modificações via resultados de outras pesquisas para mostrar que a criança está em um dado estágio de aquisição fonológica. Se a escolha recaísse no nível sintático, possivelmente minha explicação teria que mostrar a passagem de enunciados de uma palavra para enunciados de múltiplas palavras e suas combinações. Do ponto de vista morfológico, poderia mostrar a estrutura interna das formas. Ora, tudo isso acontece em uma mesma cena enunciativa.

Se a enunciação é apropriação da língua por um locutor, trata-se do fato de que a criança se apropria de toda a língua (tem a sua disposição todos os níveis e unidades) e não um nível ou unidade da língua. Benveniste (1970/1989:82) chama a atenção para esse fenômeno no texto *Aparelho formal da enunciação*: “Trata-se (...) de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua toda”. Também, no texto *Da subjetividade da linguagem*, ele observa: “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda...” (Benveniste, 1958/1995:288). Nesse caso, ao se eleger um ponto de vista enunciativo para tratar da aquisição da linguagem, não se elege *a priori* um nível de análise nem uma unidade de análise, porque está em questão o modo pelo qual as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram para produzir sentido a cada ato de enunciação. Assim, não busco, nas análises da fala da criança, unidades determinadas *a priori*, mas me deixo interrogar pelas enunciações da criança, que me desafiam a buscar, no aparato teórico-metodológico da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste, a lógica relacionada aos movimentos singulares da criança na estrutura enunciativa.

As questões apontadas fazem-me distanciar de uma concepção desenvolvimental de aquisição de linguagem, visto todas as formas da língua estarem desde sempre implicadas nas relações enunciativas de *eu* e de *tu*. Ora, a inserção do discurso no mundo está ligada ao presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção do discurso, delimitando por referência interna o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. Nessa perspectiva, a aquisição não pode ser vista como

evolução, conforme uma *perspectiva desenvolvimentista*, mas como uma *apreensão*, visto a criança, ao mesmo tempo em que se apropria da língua com o “outro”, ser apropriada pela *estrutura* da língua, em que cada ato de enunciação, ao inserir seu discurso no mundo, marca uma nova relação com a “língua” e com o “outro”.

Em Silva (2007; 2009) defendo que cada ato enunciativo carrega as marcas de atos enunciativos anteriores, o que faz com que o locutor (criança), na história de suas enunciações, constitua a língua e, concomitantemente, seja por ela constituído. Movimentando-se da enunciação para a língua e da língua para a enunciação, o sujeito da aquisição da linguagem instaura-se no funcionamento referencial e intersubjetivo da linguagem. A proposição de Benveniste (1968b/1989:18) de que “todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida” permite-me pensar que todo homem está desde sempre mudando sua relação com a língua e que o desenvolvimento da linguagem não é próprio da criança. Nesse caso, tanto o locutor (criança) quanto seu alocutário estão em uma estrutura de enunciação em que ambos se modificam. No entanto, mesmo que considere que a cada ato de enunciação todo homem modifica sua relação com a língua, não posso deixar de considerar o fato de que, na aquisição da linguagem, não ocorre somente uma modificação, mas vai se presentificando algo que “falta”. É o momento em que a língua ao mesmo tempo em que é apropriada na enunciação impõe-se à criança. Nesse caso, é o modo como cada locutor-criança singularmente instancia-se em sua língua materna que está em questão. Ora, esse modo é único! Uma teoria enunciativa não considera a noção de estágio justamente porque a própria noção de enunciação impossibilita conceber a repetibilidade e a generalidade, fenômenos que, de certa forma, sustentam a concepção de fases de aquisição. Uma análise enunciativa não generaliza os seus resultados, porque a especificidade do tempo, do espaço e dos sujeitos aí incluídos permite conceber o que há de singular no ato de aquisição da linguagem.

Nesse caso, interessa observar os movimentos de anterioridade/posterioridade em uma dependência lógica, não cronológica. Embora possa prever determinadas operações como constitutivas de toda criança na estrutura da enunciação, tais como as operações de intersubjetividade e de referência, o modo como cada criança realiza os deslocamentos no interior dessas operações é particular, porque cada ato de aquisição da linguagem põe em cena a singularidade de cada sujeito na estrutura da enunciação, em que os sentidos e formas produzidas constituem-se no próprio ato.

Conclusão

O modo singular de como cada criança realiza deslocamentos na estrutura enunciativa para se instaurar em sua língua materna parece constituir-se no aspecto fundamental a ser considerado por um pesquisador enunciativo de aquisição da linguagem. A lógica enunciativa ligada aos movimentos da criança no ato de aquisição da linguagem é o que tenho procurado olhar em minhas investigações.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Estrutura das relações de pessoa no verbo.** (1946) In: (1966). Problemas de Linguística Geral I. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. **A natureza dos pronomes.** (1956). In: (1966) Problemas de Linguística Geral I. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. **Da subjetividade na linguagem.** (1958). In: (1966) Problemas de Linguística Geral I. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. **Os níveis da análise linguística.** (1962). In: (1966). Problemas de Linguística Geral I. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. **A linguagem e a experiência humana.** (1965). In: (1974). Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **A forma e o sentido na linguagem.** (1966). In: (1974). Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Estrutura da língua e estrutura da sociedade.** (1968a). In: (1974). Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Estruturalismo e linguística.** (1968b). In: (1974). Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. O Aparelho formal da enunciação. (1970). In: (1974). Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DOSSE, François. **História do estruturalismo, v.1: o campo do signo.** (1991). São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

JAKOBSON, Roman. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia.** (1956). In: Linguística e comunicação. 19ª ed., São Paulo: Cultrix 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento. **A enunciação e os níveis da análise linguística.** In: Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

_____. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado)